

CAPÍTULO I

— Desculpe, minha senhora...

Ao cabo de muitos minutos de pacientes esforços, Maigret conseguia, finalmente, interromper a visita...

— A senhora, agora, diz que a sua filha está a envenená-la lentamente...

— É a pura verdade...

— Há pouco, a senhora afirmou-me com não menos veemência que o seu genro tratava de se cruzar com a criada, no corredor, para deitar veneno no café da senhora ou numa das suas numerosas tisanas...

— É a pura verdade...

— Todavia... — consultou ou fingiu consultar as notas que tomara no decurso da conversa, a qual durava havia mais de uma hora — a senhora informou-me, para começar, que a sua filha e o marido dela se odiavam...

— É a pura verdade, senhor comissário.

— E concordam ambos em suprimir a senhora?

— Não, de maneira nenhuma! Eles querem envenenar-me separadamente, compreende?...

— E a sua sobrinha Rita?

— Também separadamente...

Estava-se em fevereiro. O tempo mostrava-se ameno, ensolarado, e só uma nuvem suave de aguaceiros humedecia por vezes o céu. No entanto, desde que a visita chegara, Maigret já atiçara

por três vezes o fogão, o último fogão da PJ, que tanto lhe custara conservar quando fora instalado o aquecimento central no Quai des Orfèvres.

A mulher devia estar a nadar em suor debaixo do casaco de *vison*, sob a seda negra do vestido e a acumulação de joias que a adornavam por toda a parte, nas orelhas, no pescoço, nos pulsos, no corpete, como uma boémia. E, de facto, fazia pensar mais numa boémia do que numa grande dama, com os seus cremes violentos que, dentro em pouco, formariam crosta e começariam a derreter-se.

— Em suma, três pessoas procuram envenenar a senhora.

— Não procuram... Já começaram...

— E a senhora pretende que essas pessoas agem todas sem conhecimento umas das outras...

— Não pretendo, tenho a certeza...

Tinha o mesmo sotaque romeno de uma célebre atriz dos Boulevards, as mesmas súbitas vivacidades que faziam estremecer constantemente o inspetor.

— Eu não estou doida... Leia isto... Conhece o professor Touchard, certamente... É ele que é sempre chamado em todos os grandes processos...

Tinha pensado em tudo, sem faltar a consulta ao alienista mais célebre de Paris para lhe pedir um certificado atestando que estava na posse de todo o seu juízo!

Não havia nada a fazer senão escutá-la pacientemente e, para a contentar, rabiscar de tempos a tempos algumas palavras num bloco de notas. Tinha-se feito anunciar por um ministro, que telefonara pessoalmente ao diretor da Polícia Judiciária. O marido dela, falecido havia algumas semanas, fora conselheiro de Estado. Morava na Rue de Presbourg, num desses imensos edifícios de pedra com fachada para a Place de l'Étoile.

— Quanto ao meu genro, eis o que se passa... Estudei a questão... Há vários meses que eu o espio...

— Quer dizer que ele começou quando o marido da senhora ainda era vivo?

Ela estendeu-lhe uma planta do primeiro andar da casa, planta que desenhara cuidadosamente.

— O meu quarto está marcado com um A... O da minha filha e do marido dela, B... Mas Gaston já não dorme nesse quarto há algum tempo...

O telefone, enfim, deu a Maigret um instante de tréguas.

— Está?... Quem fala?...

O telefonista, habitualmente, só fazia a ligação em casos urgentes.

— Desculpe, senhor comissário... Está na linha um tipo que não quer dizer o nome, mas que insiste de tal maneira em falar consigo... Jura que é uma questão de vida ou de morte...

— E quer falar comigo pessoalmente?

— Sim... Ligo?

Maigret ouviu uma voz ansiosa que dizia:

— Está lá?... É o senhor?...

— Comissário Maigret, sim...

— Desculpe-me... O meu nome nada lhe diria... O senhor não me conhece, mas conheceu a minha mulher, Nine... Está?!... Preciso de lhe dizer tudo, muito depressa, pois ele talvez esteja a chegar...

Maigret pensou logo: «Pronto! Outro doido... É o dia deles...» Porque notara já que os doidos, geralmente, aparecem em série, como se fossem influenciados por certas luas. Prometeu a si mesmo, daí a pouco, consultar o calendário.

— Primeiro quis ir ter consigo, pessoalmente... Andei pelo Quai des Orfèvres, mas não ousei entrar, porque ele vinha mesmo atrás de mim... Acho que o tipo não teria hesitado em disparar...

— De quem está a falar?

— Um momento... Eu não estou longe... Em frente do seu escritório, cuja janela vi há um instante... Quai des Grands-Augustins... Conhece um pequeno café que se chama Aux Caves du Beaujolais?... É da cabina desse café que lhe estou a falar... Está?!... Ouve o que eu digo?

Eram onze horas da manhã e Maigret, maquinalmente, tomou nota da hora no seu bloco, a seguir ao nome do café.

— Já passei em revista todas as soluções possíveis... Dirigi-me a um polícia na Place du Châtelet...

— Quando?

— Há uma meia hora... Um dos homens vinha atrás de mim... Era o baixo e moreno... Porque há vários que se revezam... Não estou certo de conhecê-los todos... Sei que o baixo e moreno é...

Um silêncio.

— Está lá?!... — gritou Maigret.

O silêncio durou alguns instantes, em seguida a voz fez-se ouvir de novo.

— Desculpe... Ouvi alguém entrar no café e julguei que fosse ele... Entreabri a porta da cabina para ver, mas era um moço de recados que entrou... Está?

— O que é que você disse ao polícia?

— Que há uns tipos que me seguem desde ontem à noite... Não, desde ontem à tarde, para ser exato... Que estão certamente à espreita de uma ocasião para me matar... Supliquei-lhe que prendesse aquele que vinha atrás de mim...

— O polícia recusou-se?

— Pediu-me para lhe indicar o homem e, quando o quis fazer, já não o encontrei... Então, não acreditou em mim... Aproveitei a oportunidade para mergulhar no metro... Saltei para uma caruagem e desci no momento em que a composição partia... Atravessei todos os corredores... Saí em frente do Bazar de l'Hôtel-de-Ville e atravessei também os armazéns...

Devia ter andado depressa, talvez mesmo a correr, pois a respiração dele era curta e arfante.

— O que lhe peço é que me envie imediatamente um inspetor à paisana... Às Caves du Beaujolais... Não é preciso falar-me... Que faça de conta que não é nada... Eu sairei... Com toda a certeza o outro sairá atrás de mim... Bastará prendê-lo, irei ter consigo, explicarei...

— Está?!

— Digo que...

Silêncio. Ruídos confusos.

— Está?... Está?...

Do outro lado da linha já não havia ninguém.

— Estava a dizer-lhe... — recomeçou, imperturbável, a velha matrona dos venenos, ao ver Maigret desligar.

— Um instante, se me permite...

Foi abrir a porta que dava para o escritório dos inspetores.

— Janvier... Enfia o chapéu e corre ali em frente, ao Quai des Grands-Augustins... Há um pequeno café que se chama Aux Caves du Beaujolais... Pergunta se o tipo que acaba de telefonar ainda lá está...

Pegou no telefone.

— Ligue-me para as Caves du Beaujolais...

Ao mesmo tempo olhava pela janela e, do outro lado do Sena, no ponto onde o Quai des Grands-Augustins forma rampa para atingir o Pont Saint-Michel, distinguia a fachada estreita de um pequeno café de clientela habitual, onde já lhe acontecera entrar ocasionalmente para beber um copo de vinho ao balcão. Tinha presente que se descia um degrau, que a sala era fresca, que o patrão usava um avental preto.

Uma camioneta, parada em frente do estabelecimento, tapava a porta. Passavam pessoas pelo passeio.

— Como vê, senhor comissário...

— Um momento, minha senhora, se me dá licença!

E começou a encher minuciosamente o cachimbo, olhando sempre para a rua.

Aquela velha matrona, ali, com as suas histórias de envenenamento, ia fazer perder-lhe uma manhã, senão mais. Tinha trazido com ela montes de papéis, plantas, certificados, inclusive análises de alimentos, que tivera o cuidado de exigir ao seu farmacêutico.

— Sempre desconfiei, sabe?...

Espalhava à sua volta um perfume violento, enjoativo, que invadira a sala e conseguira sobrepor-se ao cheiro bom do cachimbo.

— Está?... Ainda não consegui ligar para o número que lhe pedi?

— Estou a chamar, senhor comissário... Ainda não parei de chamar... Está sempre impedido... A menos que alguém se tenha esquecido de pôr o telefone no descanso...

Janvier, sem casaco, com um andar desengonçado, atravessava a ponte e entrava pouco depois no café. O camião decidiu-se a partir, mas não se via o interior do café devido à obscuridade que reinava lá dentro. Mais alguns minutos. O telefone tocou.

— Finalmente, senhor comissário... Aqui tem o número que pediu... Está a tocar...

— Está lá?... Quem fala aí? És tu, Janvier? O telefone estava desligado?... E então?

— Esteve aqui, com efeito, um homenzinho, que telefonou...

— Viste-o?

— Não... Foi-se embora quando eu cheguei... Parece que esteve sempre a olhar pelo vidro da cabina telefónica, entreabrindo constantemente a porta...

— E então?

— Entrou um cliente, lançou logo uma olhadela para o telefone e pediu um copo de vinho ao balcão... Assim que o outro o viu, interrompeu a ligação...

— Saíram ambos?

— Sim, um atrás do outro...

— Tenta conseguir do patrão uma descrição dos tipos, tão minuciosa quanto possível... Está?... Já que estás aí, volta pela Place du Châtelet... Interroga os diferentes agentes de serviço... Procura saber se algum deles, há cerca de três quartos de hora, foi interpelado pelo mesmo homem, que lhe deve ter pedido para prender alguém que o perseguia...

Quando desligou, a velha matrona olhou para ele com satisfação e aprovou, como se lhe fosse dar uma boa classificação:

— É precisamente dessa maneira que eu compreendo um inquérito... O senhor não perde tempo... Pensa em todos os pormenores...

Ele tornou a sentar-se, suspirando. Esteve prestes a abrir a janela, pois começava a sufocar na sala sobreaquecida, mas não queria perder uma única oportunidade de abreviar a visita da protegida do ministro.

Aubain-Vasconcelos. Era assim que ela se chamava. Este nome devia ficar-lhe na memória e, no entanto, não tornou a vê-la. Te-